



Maria das Dôres Novaes Paiva, gentil menina portuense

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 140

Braga, 4 de março de 1916

Anno III

Ornamentos d'Egreja da Casa Estrella

Offiçinas d'Escultura e Talha Religiosa,
em madeira, marfim e massa
(FUNDADA EM 1874)



Specimen d'uma esculptura em madeira executada nas nossas offiçinas

A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas congengeres no estrangeiro

Depositos de imagens, oratorios, castiçaes, ramos, custodias, calix, lampadas, lustres, etc. etc.
e de todos os objectos do culto divino desde os mais simples aos mais luxuosos

Pecamos o nosso catalogo illustrado com 143 gravuras. (Pede-se uma visita ás nossas offiçinas e depositos d' vendas)
Aos nossos trabalhos foram concedidos os mais altos premios nas exposiçoes
Industriaes Portuguezas de 1887 e 1897

PORTO — Rua do Bom Jardim, 85 a 89 e Rua de Santo Antonio, 59 a 63
GUARDA — Representante e depositario -- **CASA SUCENA**
Rua Heliodoro Salgado



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

—○○—

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

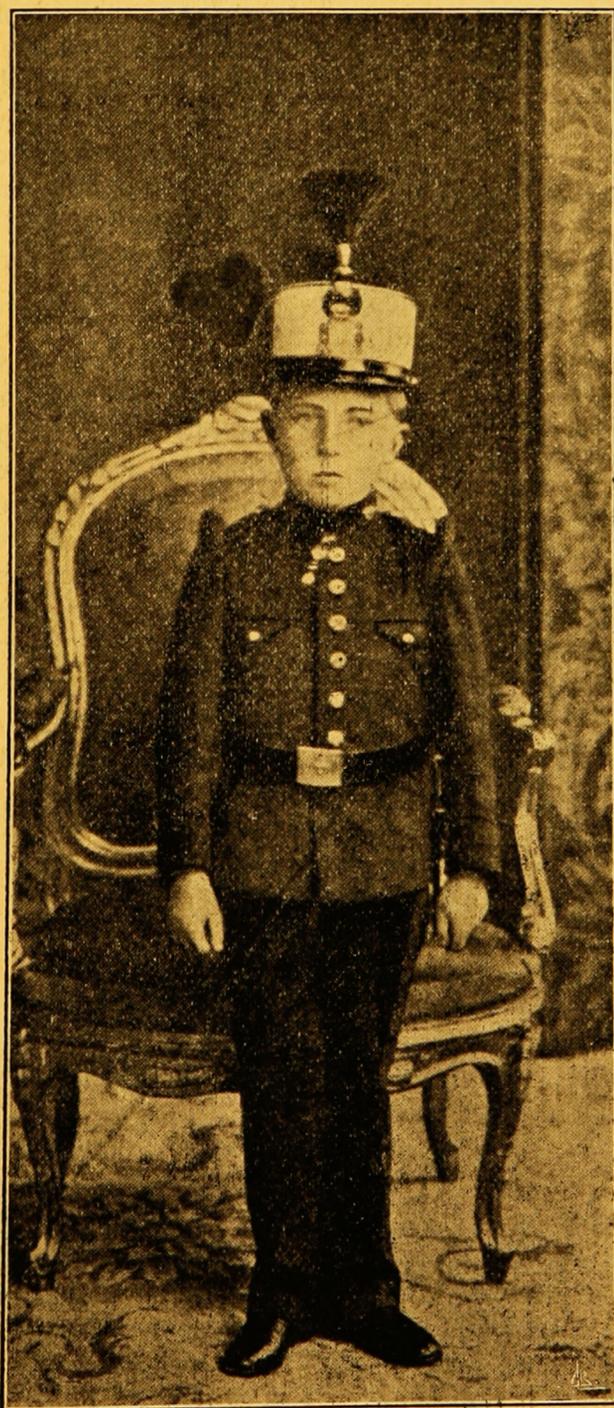
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

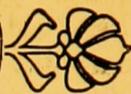
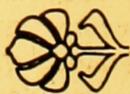
Braga, 4 de março de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 140—Anno III



Hespanha—O herdeiro do throno com o uniforme de infantaria



A's cegas...

COM o apparecimento do novo jornal *A Opinião*, veio outra vez á tona do debate a já velha questão de saber se a republica pode ou não pode ser conservadora. Dizem os confessos *thalassas* que é isso um impossivel, dizem do lado opposto os fundadores da gazêta que para a republica ser conservadora basta que haja um partido... conservador — é evidente! E entretanto desatam estes a bradar que affonsismo, almeidismo e camachismo é tudo fraca loiça estalada, esborcinhada que os *deita-gatos* já rejeitam. Eu não sei afinal a que vem tanto discutir, sem primeiramente perguntar se ha de facto conservadores em Portugal. Oiço, é certo, muita gente a blasonar de ser conservadora; mas fico-me mudo a pensar que a maior parte, sabe tanto o que é ser conservador como eu o que se passa agora mesmo ás portas de Pekim!

—Eu sou conservador porque me quero conservar. . . disse alguém uma vez, meio jocosso quando lhe lembraram o indecôro de andar a dizer mal do regimen nos centros de cavaco e a auferir-lhe os proventos como empregado de confiança do Estado.

Outros... conservam-se de mais: ficam em casa a ver arder a do visinho ou a observar o que fazem os bombeiros. No fim de contas, quando se lhes pergunta o que é ser conservador respondem confusamente, alludindo á volta da monarchia, á falta que fazem aos commerciantes as procissões e os *Te Deums*, as recepções de gala, a vida *chic*, e se acaso se falla em congregações religiosas emperfigam-se, e empalmando as mãos condicionalmente, volvem energicos: — Eu quero primeiro que tudo uma monarchia *liberal*. Fui sempre, meu caro, fui sempre um *liberal*...

Se o *Dia* não levanta a clava dos anáthemas sobre as cabeças dos transfugas, e o snr. Camacho não falla em enquadrar a tropa fandangosa dos adherentes á republica, essa gente corria logo, logo a cair nos braços dos senhores do regimen, gritando um arrependimento formidavel ou uma historicidade de principios democraticos mais remota e mais longa pela certa, do que a do snr. Dr. José Maria d'Alpoim.

Por tudo isto, reputo eu uma aventura a caminhada que se propõe fazer *A Opinião*. Se os conservadores da patria lusa, que só ridiculamente são chamados *forças vivas*, não chegam para fazer a monarchia, que esperam d'elles os do jornal para tentarem a republica, que o sr. Affonso Costa não quer? Arrapie ca-

minho *A Opinião*; d'outra maneira, a continuar batendo nos trez partidos verde-rubros, arrisca-se a ser tida por *thalassa*, utopico como é imaginar que a tropa, depois do 14 de maio, torne a entregar as espadas gloriosas. . .

A não ser que se veja signal de redempção no facto de os garotos dos jornaes já apregoarem nas praças e cafés o *Corrco Español*, o orgão do jaymismo — sacrilegio! — e se confie fatalisticamente no cumprimento... das *prophcias*, como é moda.

Poucos, muito poucos, de facto, se preocupam com a vida nacional, com os seus problemas tão candentes, com o seu futuro tão incerto, e a sua moral tão abalada. Esses são os loucos do nosso tempo para a turba que oscilla, que passa e tumultua, inconsciente do perigo, e que dentro em poucos dias vae rodopiar nos salões dos theatros a macabra farandola do Entrudo. Ha fome nos bairros da pobreza e nos burguezes a vida leva-se em jogos malabares de economia. Mas enchem-se as plateias, mas gozam-se os menores folguedos, a vida continúa, e é de ver, n'estas tardes do sol mortiço de fevereiro, em que um vento frigidissimo açoita, como á hora do bom-tom exotico, nas praças se reune a mesma camada de elegantes, assistindo sorridentes, como generaes, em paradas ao desfile das peliças caras, das botinas de cano alto, das saias curtas, dos regalos macios, deixando empoz um aroma de violeta muito intenso, que é agora a esteira e o ambiente perturbante do mundo femenino—ao que me conta um teimoso registador d'estes e d'outros promenores das altas rodas.

A crise? Mas a crise não se vê, embora exista. A crise é uma *blague*. A crise? Que vale ella perante o maestro X que annuncia concertos symphonicos sem saber reger orquestras — uma raridade? Que vale ella perante o namorisco livre dos *five ó clok*? perante toda a frivolidade d'uma risada sonora, d'um dicto do espirito?

—É que dizes ao caso dos navios allemães? Vamos para a guerra? Que pensas do Leotte?...

—Oh menino, nem falles n'essas coisas, bem sabes que eu com essa gente não convivo, e da guerra é só o que o Papá lê no *Diario de Noticias*...

E tudo assim vae em onda marulhante, sem saber para onde! E que admira! Isto afinal é o paiz em que um jornal inscreve as missas do domingo na secção das *diversões*, diz coisas espantosas de immoralidade a proposito de freiras, faz sacrilegas troças aos padres a proposito da Bulla, e é recommendado por um bispo!

Razão, muita razão tinha Palmella ao escrever em 25 d'abril de 1858 a um amigo aquellas amargas palavras flagellando a hypocrisia, a indiferença e a crassa ignorancia do nosso meio, onde não ha «sombra de patriotismo, nada que se assemelhe a sentimento nacional».

F. V.

VIDA INTENSA

POR J. DE FARIA MACHADO.

Bordallo

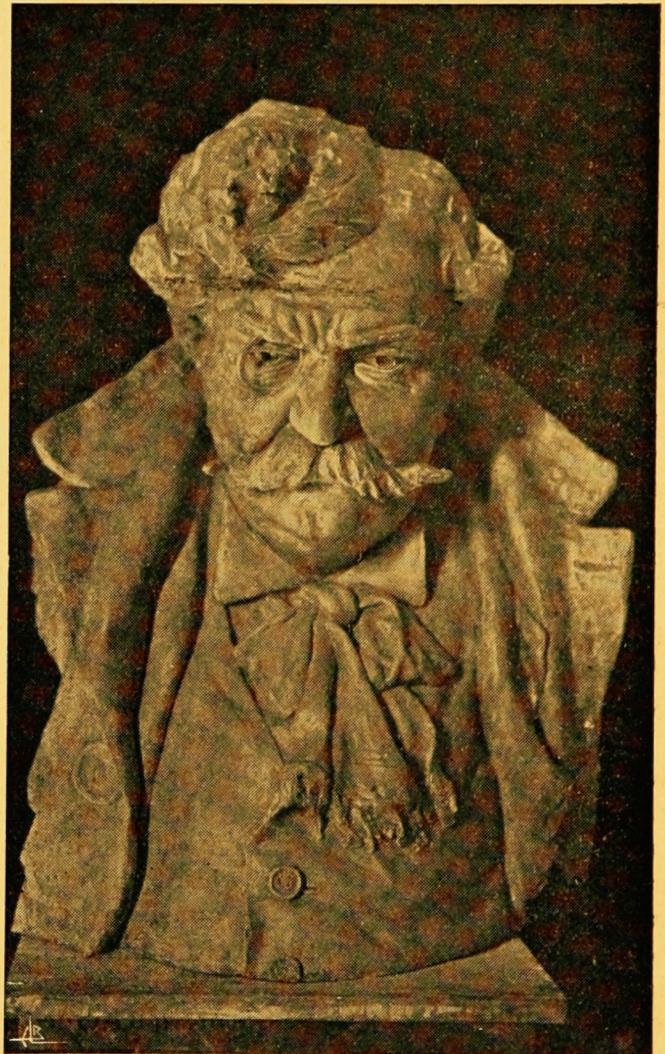
DEVIDO á iniciativa amiga de Alfredo Sacavem, Bordallo Pinheiro, vae ter nas Caldas da Rainha o seu monumento. Na terra que elle tanto amou, a meio do seu parque, entre as suas arvores, as suas flôres e as suas recordações, a dois passos da sua fabrica, onde viveu as suas horas d'arte, as suas horas d'amargura, e de gloria, o grande artista, vae ter a sua tardia consagração.

Bordallo foi no seu tempo e dentro do seu acanhado meio um eterno luctador, para quem a ironia foi a unica arma de combate. Riu muito e educou muito mais. Flagellou o ridiculo, atacou homens e consciencias, fulminou de ridiculo uma sociedade grotesca, rindo, rindo, no seu riso, mordaz, aggressivo, no seu riso caustico, o eterno sorriso de Bordallo, ironico, flamejante, que explende, triumphal no «Antonio Maria», na «Parodia» nos barros, nas charges, em toda a sua admiravel obra monumental.

No seu riso, sarcastico por vezes, chocarrei quasi sempre, um riso á Gavarny, pessoal individualissimo, desenha-se a vida portugueza e a sua obra irreverente, enternecida por momentos, constitue a feliz, pittoresca documentação, da nossa gente, do nosso meio, como os romances d'Eça de Queiroz, são a caricatura grotesca da sociedade portugueza, na ultima metade do seculo passado. Assim, a sua obra admiravel, tão valiosa na sua expressão d'arte como no seu significado social, representa a fonte mais viva para a reconstituição futura d'esse meio. E' por isso talvez, que ao lembrarmos as paginas vibrantes, magistraes, do «Antonio Maria», os seus primeiros passos na «Berlinda», os requintes de graça caricatural, do «Album das glorias» ou da «Parodia», nós vemos, como se todas essas figuras se animassem, desfilar ante o nosso deslumbramento, toda a historia contemporanea, viva, pittoresca, com todo o grotesco das suas figuras, solemnes, condecoradas, pomposas, dos seus ardis e das suas manhas—politicos, burguezes, artistas, militares, farandoleando ridiculos, como na pelicula ani-

mada d'um cine. Ha na sua obra de tudo, riso, alegria, irreverencia, piedade, amargura, que muitas vezes atraz da mascara risonha, que Bordallo afivella, maguas fundas se escondem, sarcasmos, e dôres, transparecem, no tedio do seu sorriso.

Sarcastico como *Leandre*, ironico como *Fo-rain*, observador exacto como *Steinlein*, irreverente como *Caran d'Ache*, Bordallo commentou sem magoar, causticou sem ferir, e deixando voar livremente a aza d'ouro da sua inspiração sublime, teve enternecimentos d'artista, subtilezas de poeta, modelando as figuras magistraes das capellas do Bussaco, ou concebendo esse ma-



ravilhoso sonho da jarra de Beethoven, que é a mais exuberante expressão do seu genio artistico. Como Eça de Queiroz, Bordallo Pinheiro representa para a historia patria o commentador palpitante da sociedade portugueza, surprehendida, focada, em paginas admiraveis de espirito e de ironia. Cavaqueador scintillante, elle viu passar muitas gerações d'artistas, de poetas, de politicos, d'actores, sob o seu lapis mordaz, na ironia das suas anedoctas, na irreverencia subtil das suas allusões e sempre a rir, a rirnas suas longas cavaqueiras, na eterna bohemia do seu espirito, commentou finamente o ridiculo d'essa sociedade em decadencia. Um estudo, da sua obra—que não cabe nos limites exiguos d'uma chronica, seria a reconstituição flagrante dos ultimos trinta annos, atravez do

seu riso, da sua psychologia complexa, variada, da sua alma d'artista admirável, que rindo ou chorando, no papel ou no barro, salientando o ridiculo ou concebendo o grandioso espalhou a mãos cheias, as mais inconfundiveis manifestações de genio.

A sua falta é cada vez maior. N'este grave momento historico, n'este fim tragico de raça, o seu lapis seria necessario para fulminar tanta mediocridade grotesca, o seu lapis vibrante, que talvez despertasse na alma da nacionalidade adormecida, uns perdidos restos de vergonha.

Mas Bordallo morreu e isto só vae a chicote...



Padre Antonio Vieira



Padre Antonio Vieira luctava por Deus, com Deus e para Deus. Mais tarde, o Marquez de Pombal, embora confessando-se catholico, viria luctar pelo imperio de Satan, preparando o funesto superhominismo que tanto tem medrado em Portugal depois do romantico e desvairado movimento de 1820, nunca flagellado bastante.

*

Dá-nos o Padre Barros uma boa noticia sobre o que era o Maranhão em 1653.

Limitado ao norte pelo imponente caudal do Amazonas, tinha seis capitánias—Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande, Parahyba, e Itamaracá. A não ser a ultima, todas as outras formam hoje importantes estados. O territorio era, como ainda actualmente é, em quasi toda a sua extensão, e principalmente perto do littoral, d'uma fertilidade surprehendente.

Produzia muita canna d'assucar, muito cacau, algodão, gergelim, mandioca, milho e arroz. Abundavam lá a baunilha, a salsaparrilha, a quina. Emfim, cultivava-se já muito o café, a futura grande fonte de receita do Brazil. A estas riquezas ajuntavam-se as dos minerios de ouro, prata e crystal, e uma fauna variada e opulenta, curiosa de specimens.

Com altos montes e tambem dilatados e profundos pantanos, com esbeltos e risonhos palmares e densos mattos virgens, com poeticos e tambem aridos sertões, a sua riqueza em madeiras já em 1653 era conhecida e bastante explorada pelos europeus.

Procuravam lá com afan o cedro, o pau roxo, o jacarandá, o angelim, o bacorim, o pau amarello, madeiras tão fortes que lembravam o ferro.

Mas tanta opulencia abrigava perigos constantes e enormes.

A fauna, como ainda hoje, formava com os pantanos um dos maiores inimigos do homem. Onças e tigres, serpentes e javalis, e piranhas e jacarés, mosquitos venenosos, se alliançavam, mortalmente hostis, aos Indios, mais ferozes ás vezes pela ignorancia do que pela indole.

As pompas excepcionaes da Natureza—rios colossaes como o Paraguassu, linha caudalosa entre o Ceará e o Maranhão, ilhas odoríferas, pincaros magestosos, aves esplendidas, canoras, desconhecidas, insectos maravilhosos de matizes, peixes extranhos na belleza e no volume—eram bem amarguradas pelo selvatico trilho dos caminhos, pela sanguinaria surpresa das fêras, pela hostilidade frequente de indigenas como os Matuzus, os Taquanhunns e Curinquians.

È as enormes distancias do povoado—todo no littoral, nas cidades de S. Luiz e de Belem—lembravam facilmente aos missionarios a absoluta falta de socorro em qualquer perigo levantado pela brutalidade dos indigenas.

Comtudo, o nome dos portuguezes—digase com justiça—era o nome estrangeiro mais agradável aos ouvidos e ao coração dos Indios, porque Religiosos de Portugal tinham continuado, dentro do ensino e pratica do Evangelho, a gloriosa obra dos navegadores e descobridores.

O Maranhão, invadido calamitosamente por Francezes e por Hollandezes, vira os primeiros rechaçados por Alexandre de Moura, e folgara com o nosso triumpho, apesar do odio que nos tinham os Tupinambás, alliados bellicosos dos invasores.

Essa obra enorme e fecunda fôra devida á missão de dois Jesuitas Portuguezes que, persuadindo suavemente os Indios, abriram caminho á victoria das felizes armas de Alexandre de Moura.

Em 1642, outro Jesuita, o Padre Lopo do Couto, iniciava com vigor a cruzada da guerra contra os Hollandezes que, definitivamente expulsos, tiveram de vêr fluctuar no Maranhão a bandeira portugueza, cabendo logo o governo do Estado ao Capitão-mór Antonio Ferreira de Mello.

Mas, se era deveras grande o prestigio de Portugal entre os Indios, tão edificados pelas missões dos Jesuitas como subjugados pelo valor heroico dos nossos soldados, os novos Missionarios iam encontrar constantemente povos corrompidos, deschristianizados pela brutal soldadesca dos invasores... e tambem pelos nossos.

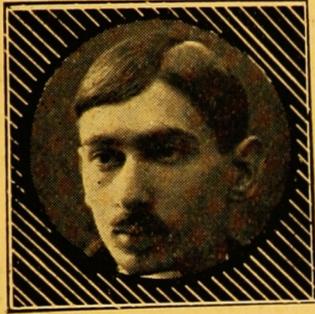
As auctoridades portuguezas estavam contagiadas pelas mais deploraveis pestes, pelos escandalos dos verdadeiros piratas que o heroismo portuguez expulsara com gloria e audacia.

(Continua).

POR JOSÉ AGOSTINHO.



Excursão a Vigo



*Fernando Moreira,
Presidente da Academia e
promotor da excursão*

Foi entusiasticamente recebida na cidade de Vigo, a excursão académica promovida pelos alumnos do Lyceu Central Sá de Miranda d'esta cidade.

A excursão era esperada na *gare* pelos académicos do Lyceu de Vigo e pelos alumnos da Escola Normal, de quem receberam as boas-vindas, dirigindo-se depois a casa do presidente a Ex.^{ma} Snr.^a D. Sophia Gil, que carinhosamente recebeu as homenagens dos estudantes portugueses.



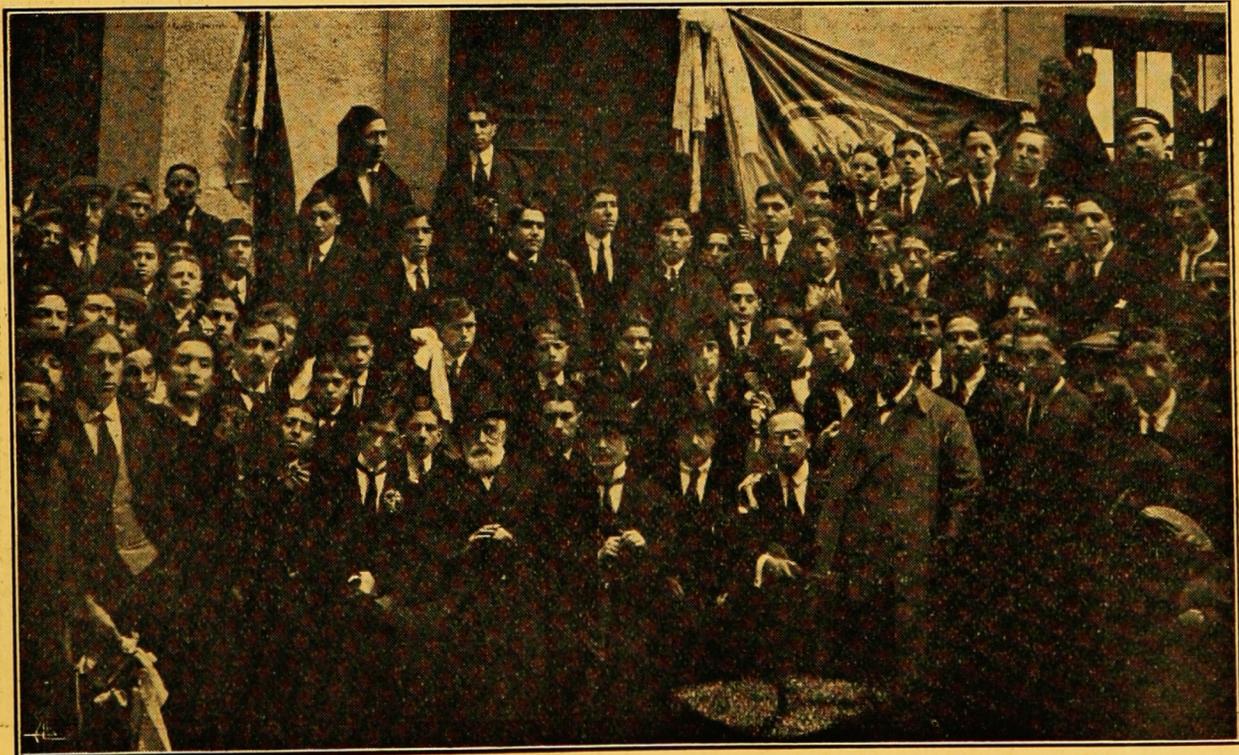
*Em casa da Presidente.
A Ex.^{ma} Snr.^a D. Sophia Gil, sua Ex.^{ma} familia
e varios academicos*



*Antonio Gomes,
Presidente da Tuna*

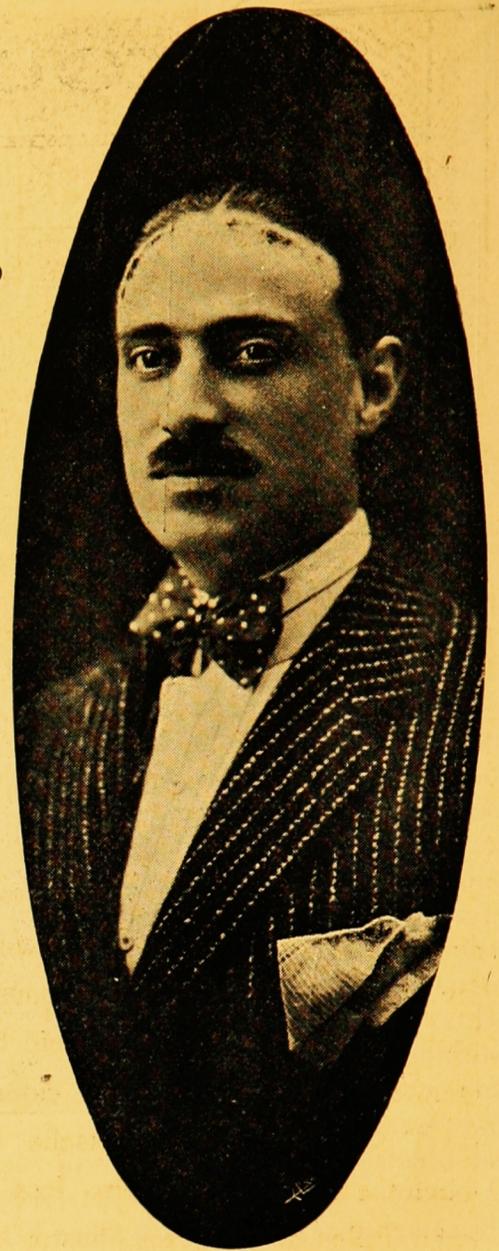
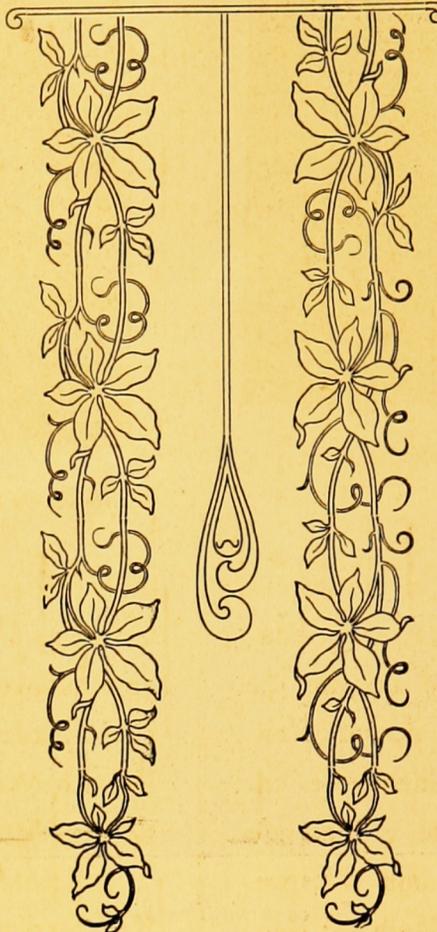
Esta senhora entregou á commissão organisadora da excursão um avultado donativo para a caixa escolar.

Os excursionistas foram acompanhados pela *tuna* do mesmo lyceu, que brilhantemente se exhibiu n'aquella noite, sendo alvo de grandes applausos de todo o auditorio, que era selecto. Vendo-se nos camarotes as familias mais distinctas d'aquella cidade gallega.



O Director da Escola Industrial de Vidago com o corpo docente e excursionistas

Casamento aristocratico



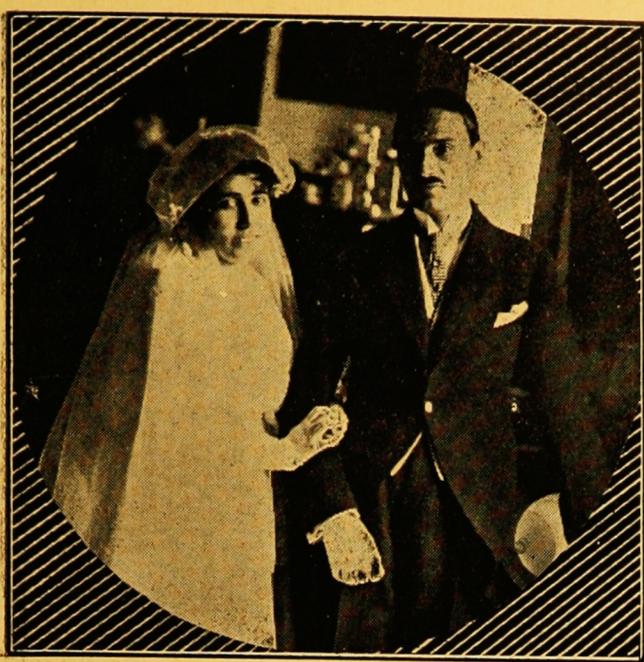
(Phots. Pereira Monteiro
Figueira da Foz)

A noiva—Ex.ª Sr.ª D. Maria Cordeiro
Pereira Machado

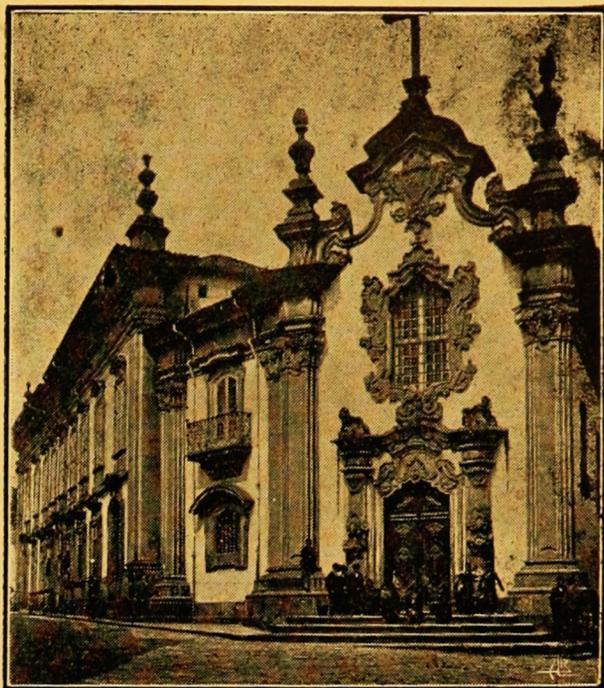
O noivo—Ex.º Sr. Ventura Malheiro
Reymão



Os noivos saindo da capella



Os noivos apoz a cerimonia religiosa



Capella da casa da Praça, pertencente á avó do noivo e aonde se realizou o casamento

Em Vianna do Castello, na formosissima capella particular da casa da Praça, propriedade de sua avó paterna, realisou-se no dia 19 de fevereiro, o enlace matrimonial do snr. Ventura Malheiro Reymão distincto tenente de engenharia, natural d'aquella cidade e filho da ex.^{ma} snr.^a D. Adelaide Amelia Lima d'Espregueira e do snr. conselheiro José Malheiro Reymão Telles de Menezes, illustre Ministro de Es-

tado Honorario. com a exc.^{ma} snr.^a D. Maria Cordeiro Pereira Machado, natural de Penacova e filha gentilissima da exc.^{ma} snr.^a D. Cecilia Cordeiro Machado e do snr. Dr. Manoel Pereira Machado, meretissimo juiz de Direito na Figueira da Foz.

O casamento, ao qual presideu Sua Exc. Reverendissima o snr. Arcebispo de Braga e Primaz das Hespanhas, que expressamente pa-



O Senhor Arcebispo de Braga, ao sair da capella acompanhado pelo rev. Arcypriste do julgado, Reitor de Santa Martha, Abbadé de Santa Maria Maior, conselheiro Malheiro Reymão e viscondes de Montedor e Cortegaça



Os paes dos noivos à sahida da capella



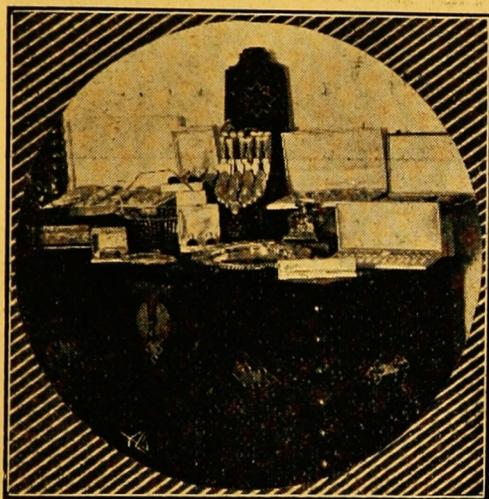
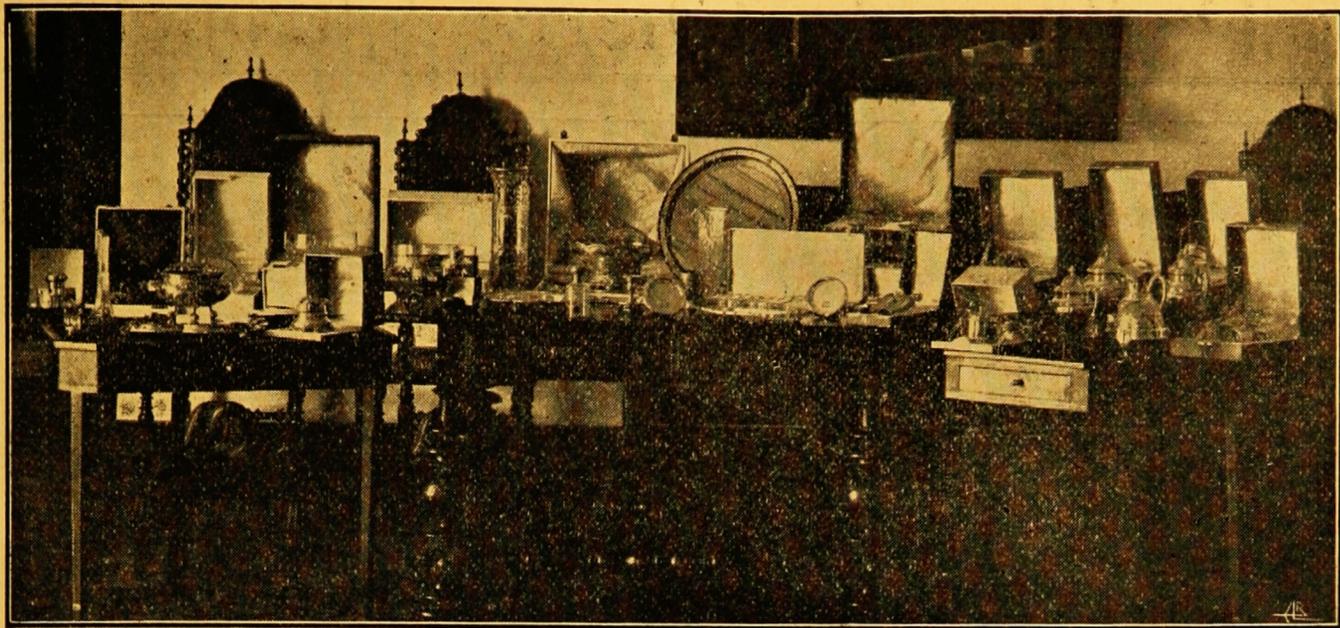
Os convidados sahindo da egreja

ra esse fim foi a Vianna do Castello, revestiu um caracter muito intimo, assistindo a elle apenas pessoas de familia dos sympathicos noivos, mas nem por isso deixou de ser um acontecimento notavel n'aquella cidade pela sua dislinção.

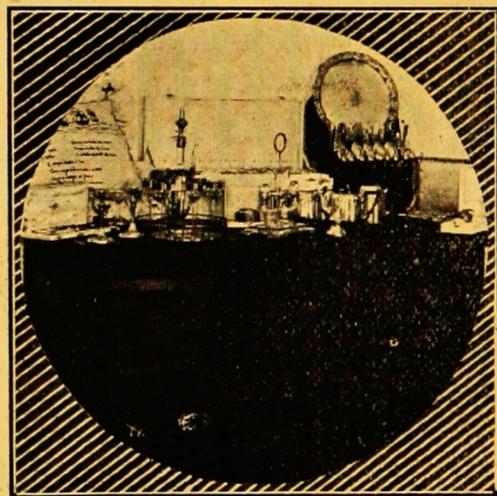
Para apresentação da noiva de seu filho realisou-se na noute anterior um *raout* em ca-

sa da ex.^{ma} snr. D. Adelayde Reymão, a que foi uma festa brilhantissima sem precedentes na sociedade elegante d'aquella cidade, e ao qual concorreu tudo quanto Vianna tem de mais distinto.

Na *corbeille* dos noivos viam-se ricas e variadissimas prendas artisticamente dispostas nas diferentes salas,



*Tres aspectos da
"corbeille" dos noivos*



(Phot. Roriz
Vienna do Castello)

Lendas e Milagres

S. Martinho em Caramôs



A FERRE-SE o espirito mystico e poetico de um povo pela somma de lendas com que mantem as suas tradições ethnicas, pelo fervor com que perpetua as suas crenças, pelo carinho com que propaga no decurso dos seculos o seu patriotismo e as suas glorias, pelo empenho e pertinacia com que suppre as defficiencias e omissões da Historia. A mythologia das nações do Oriente, as ficções da terra dos Pharaós; a essencia poetica das divindades da Grecia e de Roma, os symbolos guerreiros do polyhteismo germanico e scandinavo, o repositorio admiravel que constituem as safas, as canções de festa, as romanas de cavallaria, os cancioneros dos diversos paizes, o *folklore*, são preciosos elementos de collaboração para a archeologia e litteratura, factores de inestimavel preço para quem deseja in-

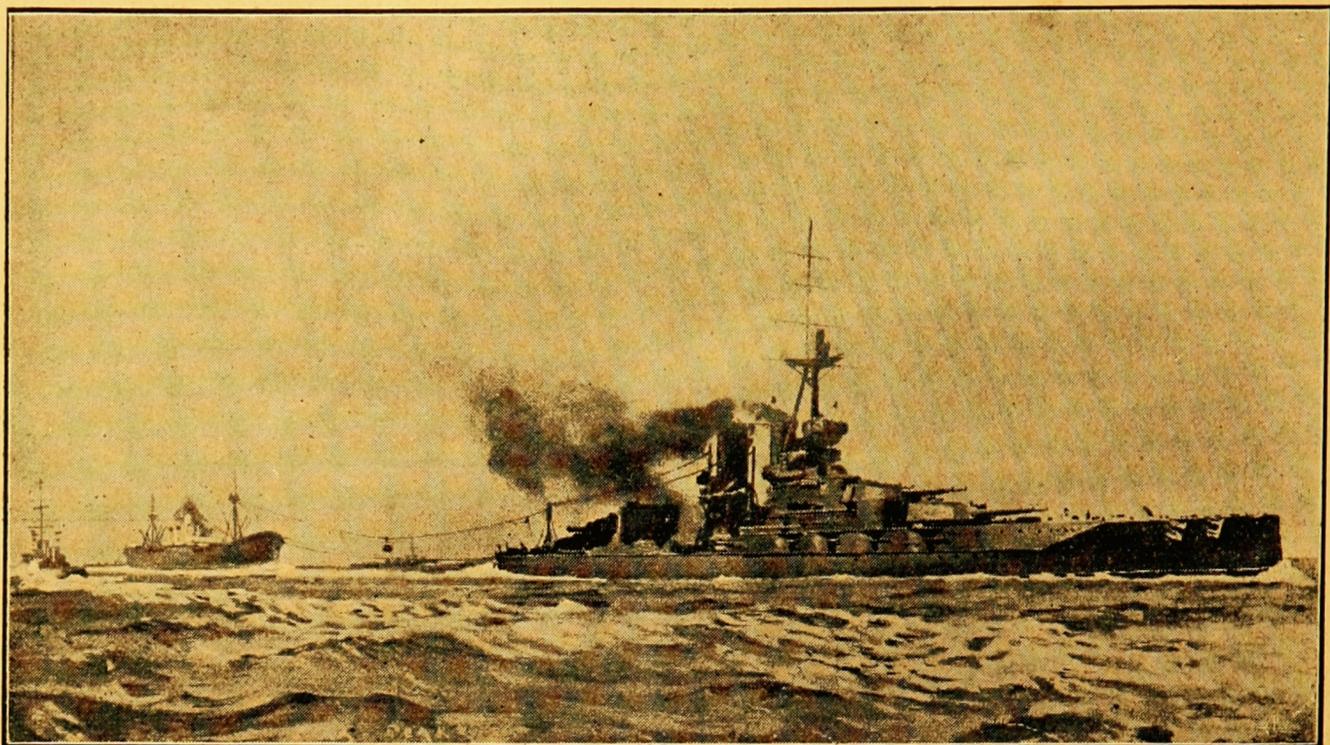
□ vestigar o passado e torna-lo conhecido do presente.

Começaremos hoje a reproduzir algumas lendas que offerecem terreno desbravado para os eruditos, pouco vulgarizadas tem sido e conservam-se na sua maioria desconhecidas da geração actual, em certo numero irreverente. Convém notificar, insistimos, que varios escriptores e romancistas como Almeida Garrett, Camillo Castello Branco, Alexandre Herculano, etc., as aproveitaram para algumas das suas novellas e as registaram nas suas obras.

D'essas fontes nos soccorremos.

Na segunda metade do seculo XI, os pequenos reis que governavam Castella e Leão, quando o perigo commum na moirama os não unia momentaneamente, entretinham-se a esphacelar-se com reciproco odio e ambição. A historia d'esse periodo é uma serie ininterrupta de luctas sangrentas e crueis.

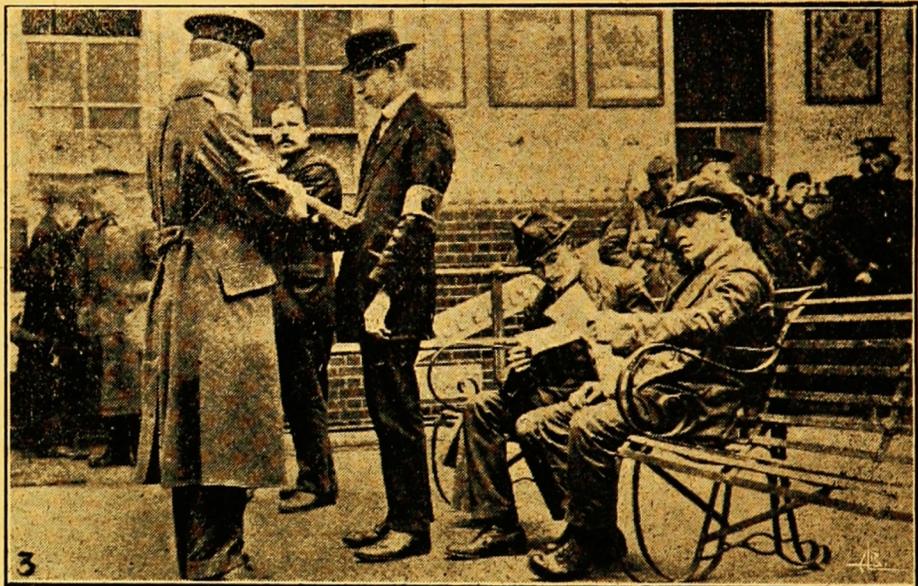
Fernando Magno, soberano de Castella, con-sorciara-se com D. Sancha, irmã de D. Bermudo, monarcha de Leão. A'vido, cubiçoso, sedente do mando, querendo cingir as duas coróas, D. Fernando aproveitou qualquer especioso pretexto, rompeu hostilidades com o cu-



nhado e matou-o n'um recon-
tro em 1036. Saciada a sua
cupidez politica conquistou aos
mulsumanos, até que morreu
em 1065, os amplos territorios
que vão desde o Minho até o
Mondego, incluindo Coimbra.
Esse rio marcou então a extre-
ma sul das suas conquistas.

* * *

D. Nuno Mendes herdara
com a vida a intrepidez dos
seus avós. Natural do Minho
governava a provincia consti-
tuída por essa região e a par-
cella christã de Traz-os-Mon-
tes. Escolhera para residencia
o fortissimo castello de Gui-



marães, considerado inexpugna-
vel em toda a Peninsula, já n'essa
quadra, e dedicava a S. Mar-
tinho a mais fervorosa devoção.

Os almoravides, suppondo,
em 1060, de facil presa os ter-
renos que o montante de Fer-
nando avassalara, prégam a
djiied ou guerra santa, preci-
pitam-se como um alude, um
gashwat formidavel, mais im-
petuoso e anniquillador que

1 — O lançamento à agua d'um
grande vaso de guerra inglez.

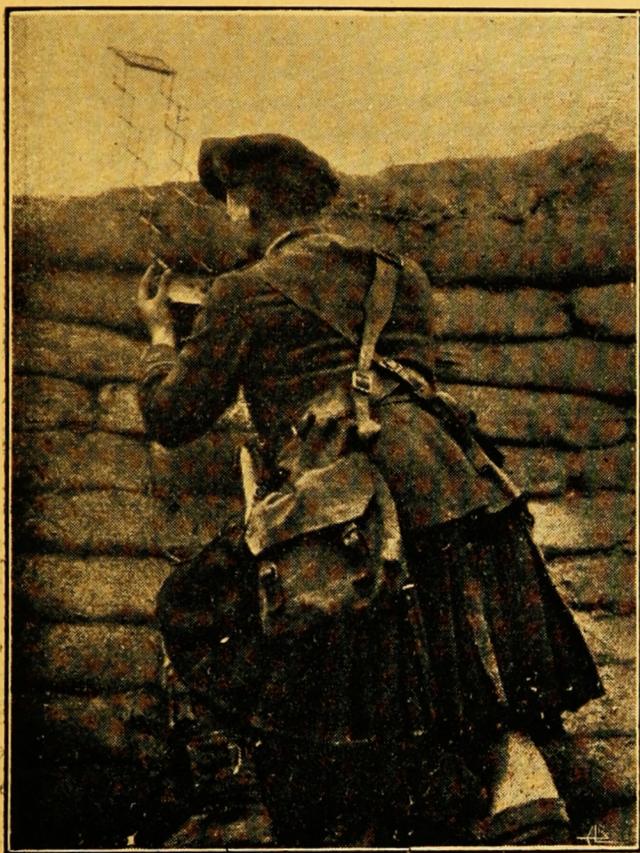
2—O recrutamento em Inglaterra.
Os novos recrutas trocando os brace-
tes de Akraki por uniformes.

3 — Momentos antes da entrega
dos fardamentos aos novos recrutas.

os mais temerosos fossados da christandade. Os cavalleiros e peonagem, homens de armas e simples camponezes, aguardam o embate dos ferros infieis no sitio n'essa epoca denominado Campo da Veiga. Os sectarios de Mafoma crescem como uma nuvem sobre o exiguo arraial, por cima do qual fluctuam alguns balsões, esmaltados com a cruz do Nazareno. Inferiores dez vezes aos que volteiam em céleres corceis em redor d'elles, brandindo as lanças e mane-

jando as cimitarras, os minhotos cedem ao pânico e voltam as espaldas aos proselytos do Corão.

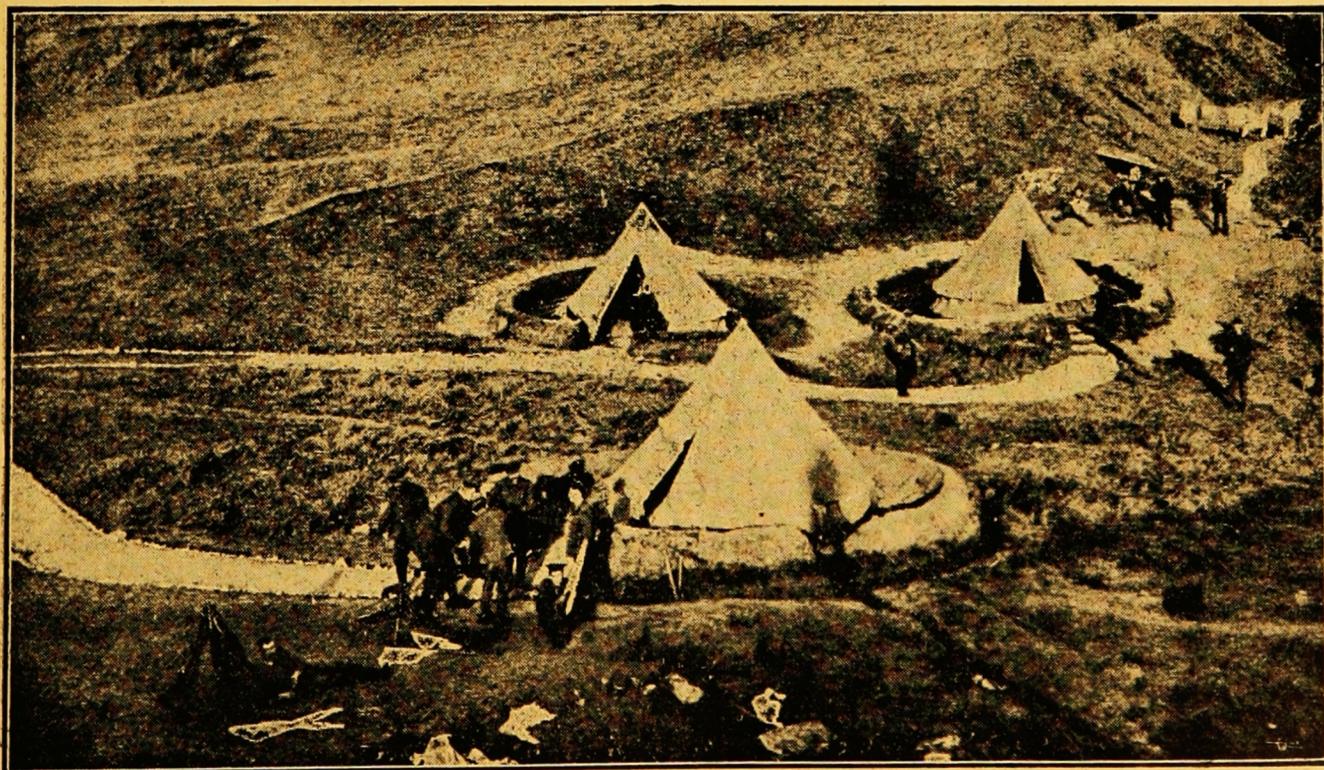
A conjunctura torna-se critica. A refrega ameaça transformar-se n'um desastre para os defensores da Virgem e de seu Filho. D. Nuno Mendes multiplica-se no vibrar das cutiladas e rouqueja com violencia das imprecações dirigidas aos seus. Nada consegue. De subito lembra-se do seu pat cno, e exclama:



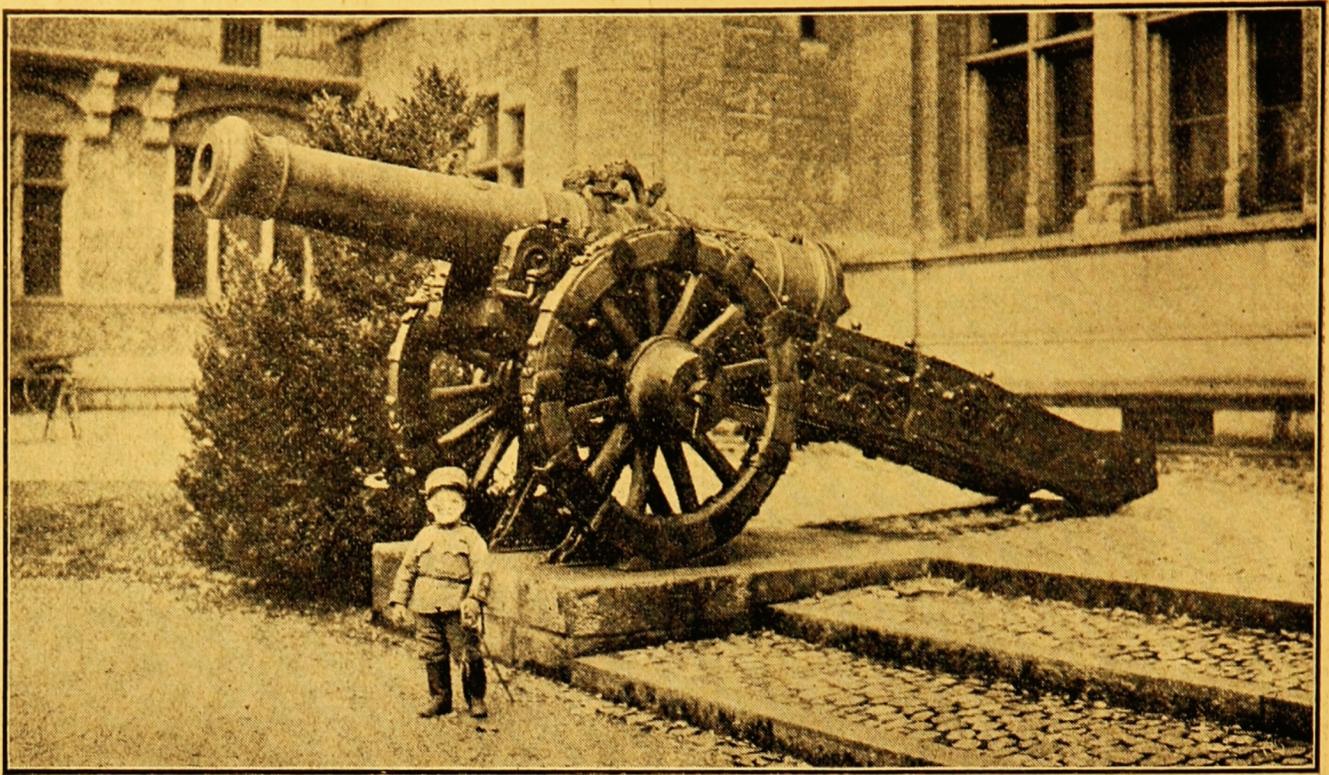
Nos Balkans.—Um official inglez servindo-se do periscopio para ver os movimentos do inimigo



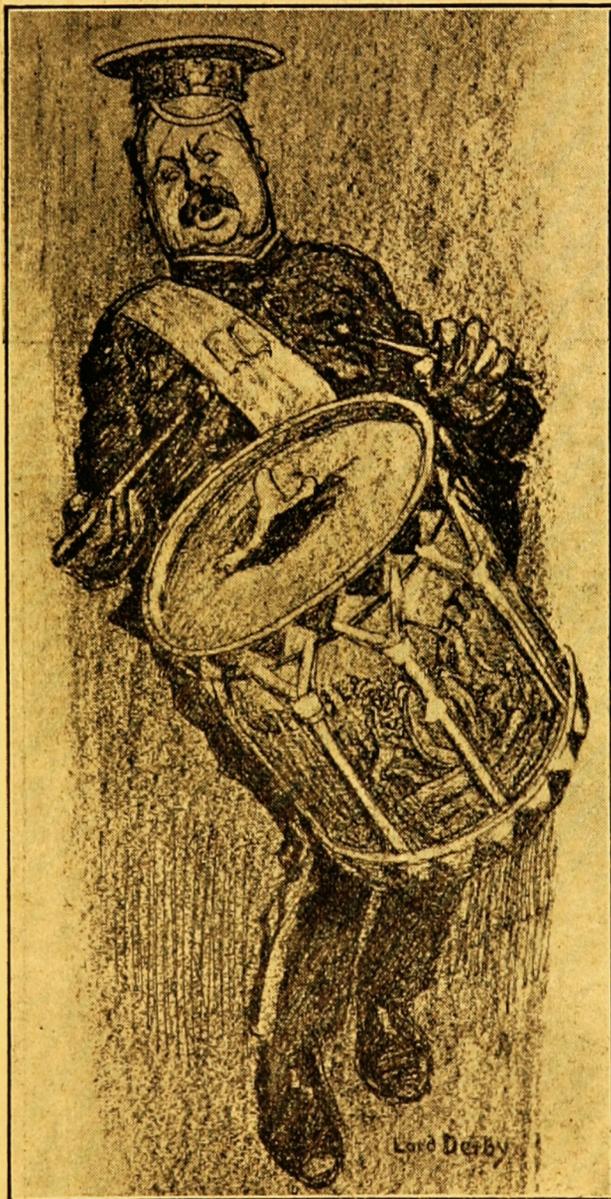
Um grupo de fugitivos polacos na Russia. Entre elles estão alguns nglezes



Um pequeno acampamento inglez dentro das linhas fortificadas em Salonica



Na Suíça—Um official suíço, apenas com a idade de 2 annos examinando um grande canhão antigo em Zurich



Uma caricatura do Lord Derby que se refere á maneira como elle tem arranjado novos defensores da Inglaterra



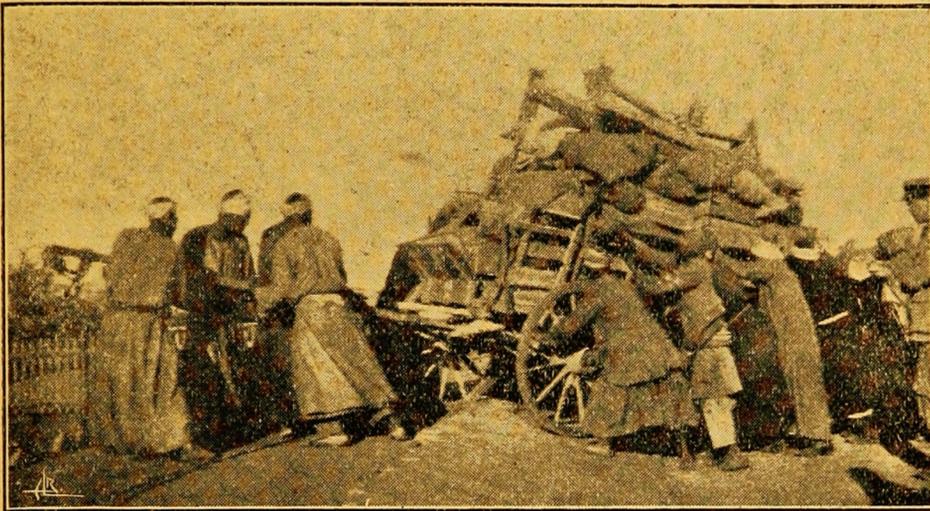
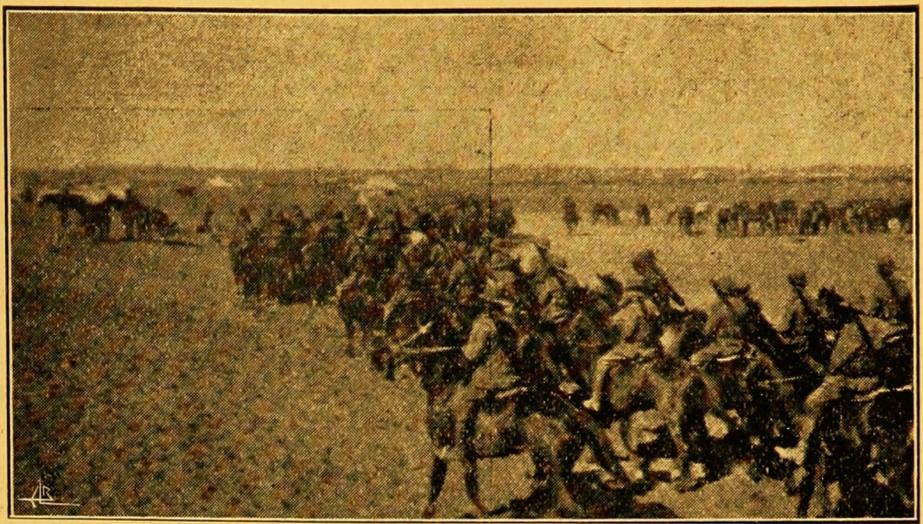
Um singular leiteiro dos Paizes Balcnicos

—Valha-nos S. Martinho!

Immediatamente vê-se galopar á desfilada, montado n'um cavallo branco, um guerreiro que vestia uma armadura romana. Irradiava de si deslumbrante fulgor. Era S. Martinho. O caridoso bispo de Tours accorria ao apello do seu devoto. Lembra-se que fôra soldado desde os quinze annos e as suas pupillas fais

cam lume. Dos hombros pendelhe só metade de uma capa. A outra metade cortara-a e dera-a a um pobre que tremia de frio ás portas de Amiens. O seu gladio é tão exterminador como o de S. Miguel Archanjo. Investe contra os agarenos.

Estoqueia, fere, despedaça, esquarteja, retalha, decepta, anniquilla quanto encontra. Ao mesmo tempo, com uma voz tão retumbante como o clangor da trombeta do



se a corruptela De *môs* ou *moos*, como chamavam abreviada e singelamente os bons christãos de aquelles logares á feia e damnada gente da moirisma, veio a palavra *Caramôs*, como hoje é conhecida essa freguezia do Douro, do concelho de Felgueiras, que tem por patrono o celebre exorcista da Tannonia, e foi berço do nosso primeiro classico Manuel de Faria e Souza.

EDUARDO DE NORONHA



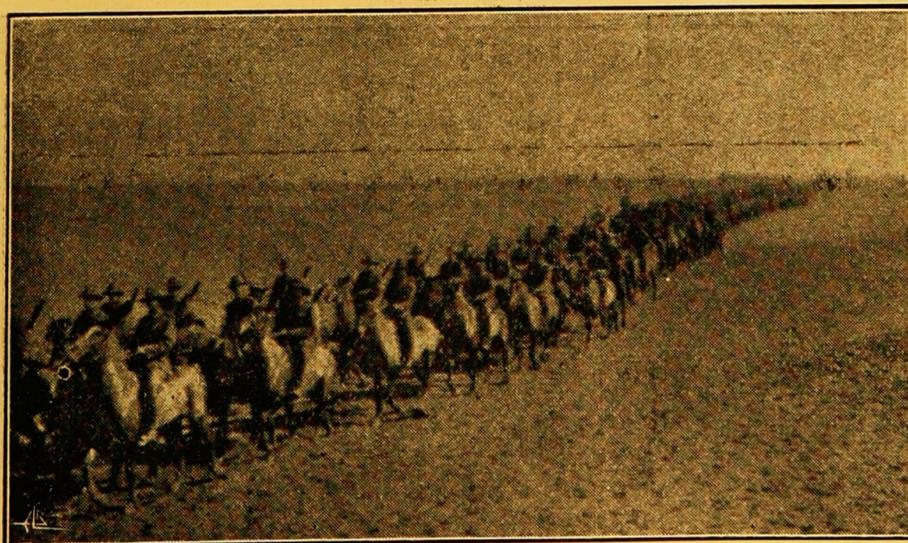
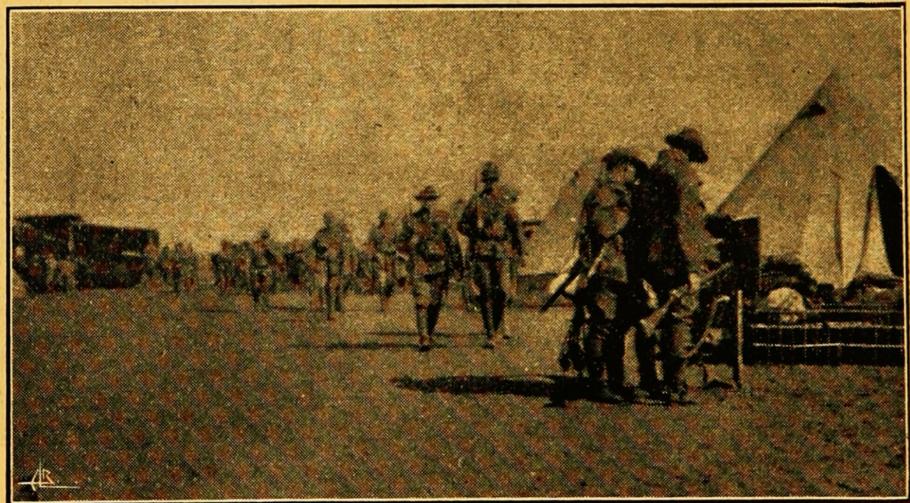
Juizo Final, grita para os mi-nhotos ainda indecisos:

—Cara aos mouros! Cara aos mouros!

Exhortação que o conde D. Nuno Mendes reforçava bradando por seu turno;

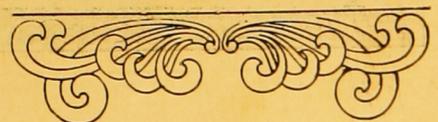
Cara aos mouros! Cara aos mouros, que S. Martinho é por nós!

A victoria foi completa. D. Nuno oito annos depois, em 1068, manda construir ali uma igreja com a invocação de S. Martinho de Cara aos Moiros. Mais tarde accentua-



NA AFRICA

As tropas da Nova Zelandia a caminho da fronteira.

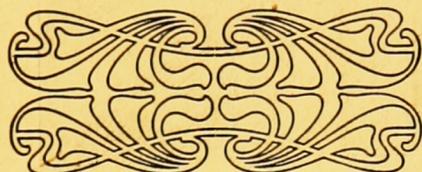




1—PORTO

Chegada dos expedicionarios de Infantaria 19 ao quartel de Santo Ovidio.

(Phot. J. Castro).



2—MARINHA GRANDE

Creanças da primeira communhão, acompanhadas pelo seu rev.º Parocho.

(Phot. A. Pinto.—Leiria).



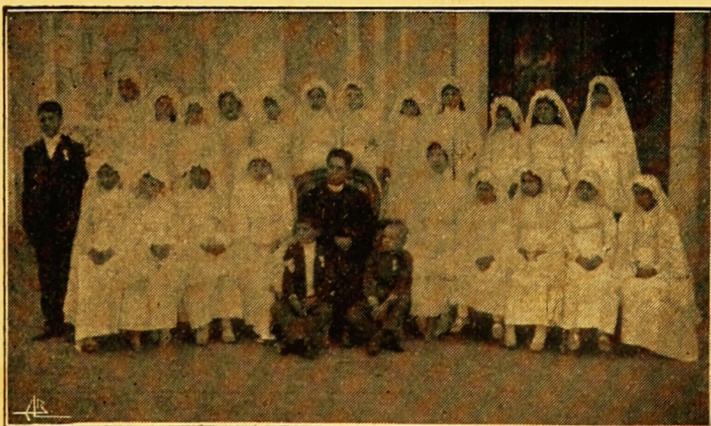
3 — PORTALEGRE

Grupo de creanças da primeira communhão, na festa de 17 de Outubro de 1915' na igreja parochial de S. Lourenço, com o seu Parocho Francisco Sequeira.

Grupo de senhoras que cantou, magistralmente, na novena de Nossa Senhora de Lourdes e festa em 17 de Outubro de 1916, em cumprimento do voto da Sr.ª D. Emma de Vries.

Sentadas — D. Judit Palhares Caldeira, D. Constança Alibert Ripado, menina Maria de Vries, D. Maria Jeronyma Gagliardini Graça.

De pé — D. Ignez Gagliardini Graça, D. Margarida Gagliardini Graça, D. Emma Maria Lisardo e D. Constança de Andrade Rafo.



I

Aos pés da Cruz, senhora, n'esse dia,
Foi que eu senti que a Vida é Dor e Amor;
Disse-m'ó a face augusta do Senhor,
Aquella inenarravel agonia . . .

Foi nas lágrimas tristes de Maria
Que eu soube o que é viver com fructo e flor;
Para o que serve o Som, a Forma, a Cor,
Se a vida é simplesmente nostalgia . . .

Perdi então chimeras, devaneios . . .
Já eram miseraveis corpos nus,
Banaes como mesquinhos galanteios,

E tornaram-se espectros! . . . E' que a Luz,
Quando illumina as Almas, dá gorgeios
Que nos levam, da Carne, aos pés da Cruz!

De olhar em Christo

A' ex.^{ma} Senhora D. Etelvina Lemos

II

Capella de granito. O frio gela.
Vossa Mãe vai rezando e vós, gentil,
No templo do solar já tão senil,
Lembraes um anjo a orar ao lado d'ella . . .

Que dôce o vosso olhar que se constella
D'amor que lembra as lagrimas d'Abril,
Quando, em pleno fulgor primaveril,
Vem a chuva, um arranco de procella!

Que olhar de amor e de saudade! Crêdes
Que vosso pai, finado tristemente,
Surge do altar, das gelidas paredes,

E vem rezar comvosco ardentemente . . .
Ah! e eu vejo-o, senhora, como o vêdes,
Sempre bom, sempre triste, sempre crente . . .

De olhar em Christo

A' Ex.^{ma} Senhora D. Maria Isabel
de Queiroz Faro do Amaral Osorio
de Souza e Vasconcellos (Almeidinha)

III

E' no valle e fundão de S. Thiago.
Vê-se ao alto a Senhora de Cervães,
A abençoar formosas, santas mães,
Dispenseiras do cantico e do afago.

E n'este quadro simples, que eu vos trago,
Passando entre violetas e cecens,
Eu vejo-vos a dar os parabens
A quem tem filhos, perolas d'um lago,

E beijais a filhinha angelical,
Fallando-lhe em Jesus com tal ternura,
Que se commove e sonha todo o valle . . .

Ah! formai essa alma com doçura;
Inundai de bem luz esse crystal,
Porque a vida, é uma enorme sepultura . . .

JOSÉ AGOSTINHO.

De olhar em Christo

A' ex.^{ma} senhora D. Amelia Pereira

Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos

As más linguas no Oriente

QUANDO se soube da morte de D. Henrique de Menezes, vice-rei da India, muitos choraram o passamento do guerreiro illustre e do governador justo, outros agrediram a sua administração, mormente um fidalgo que do Oriente não trouxe fama de honrado. Heitor da Silveira, que estava presente, disse a esse encolerizado maldizente:

—O maior defeito de D. Henrique de Menezes foi não desterrar da India quantos más linguas havia.

A patria de Demosthenes

Filippe de Macedonia tendo ameaçado o celebre orador Demosthenes de lhe mandar cortar a cabeça por fallar a favor da sua patria, houve esta resposta:

—Se m'a mandares tirar dos hombros, a patria m'a porá na eternidade.

O caminho do inimigo

Sendo derrotado um dia pelos gaulezes, viu Cesar fugir um soldado e correndo para elle o agarrou; depois, voltando-lhe a cara para o inimigo, disse-lhe:

—Tu enganas-te, este é o caminho para encontrares o inimigo.

Voltar o rosto ao inimigo

Um soldado poltrão pedia um premio a Augusto Cesar, testemunhando o valor que alardeava com uma cicatriz que lhe sulcava a face. Cesar respondeu:

—Quando outra vez fugires, não voltes, o rosto a ver se te segue o inimigo.

Poder absoluto

O marechal de Villeroy dizia para Luiz XV, ainda creança:

—Olhe para essa cidade, para esse povo; tudo isso lhe pertence.

Critico prudente

Sendo moço, Luiz XIV encontrou sobre a secretária estes versos:

Tu és isou de race auguste:
Ton aieu fut Henri, le grand,
Ton père fut Louis, le juste.
Mais tu n'est qu'un Louis d'argent.

Disse o rei gostar devéras destes versos e que daria quinhentos luizes ao seu auctor se soubesse quem era. Apesar do premio e da promessa de lhe não fazer mal, o auctor não se descobriu, antes reincidiu em mais estes dois versos:

Tu ne le sauras pas, Louis,
Car j'étais seul, quand je les fis.

Devoção de Carlos II

A corte de Carlos II de Inglaterra era composta de homens ambiciosos e dissolutos, mas todos acompanhavam o rei quando aos domingos ia á missa.

Um dia foi o doutor South encarregado de prégar o sermão, mas vendo no meio do seu discurso que todos dormiam na tribuna real, parou e em voz alta chamou tres vezes por lord Landerhale, que era mordomo-mór. Acordou este todo aturdido e o prégador disse-lhe:

—Milord, sinto muito interromper o somno de vossa excellencia, mas fui obrigado a isso porque roncava com tanta força que reciei acordasse sua magestade.

Disse e retirou-se.

Um neutro

Estando a jogar Henrique IV com alguns fidalgos da sua côrte, entrou um gascão que se conservára neutral na longa campanha havida para a conquista do throno de França. Como se conservasse distante, o rei disse-lhe:

—Chegai-vos para cá, que se eu ganhar sereis do meu partido.

• • •

Donce cris felix, multos numerabis amicos,
(Emquanto fôres feliz contarás muitos amigos.)

—Ovidio